



VOZ DA FÁTIMA

A Quaresma, que em breve se inicia, é um tempo litúrgico que nos convida, de modo especial, ao recolhimento, à meditação, à oração e à penitência, em união com Cristo, a fim de morrermos com Ele (para o pecado e todo o género de mal) e ressuscitarmos também com Ele (para uma vida renovada na Fé, na Esperança e no Amor). Não desperdicemos nem como homens nem como cristãos mais esta oportunidade de conversão interior.

Director e Editor interino: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO L N.º 593
13 DE FEVEREIRO DE 1972
PUBLICAÇÃO MENSAL

AVENÇA

O primeiro encontro da Lúcia com o Senhor Dom José

N O passado dia 15 de Janeiro começaram as comemorações do Centenário do nascimento do primeiro Bispo da Diocese restaurada de Leiria, o Senhor Dom José Alves Correia da Silva, que aprovou e declarou dignas de crédito as Aparições da Fátima.

A Lúcia, então com 13 ou 14 anos, descreve nestes termos o seu primeiro encontro, que se deve ter efectuado por 1921, com o falecido Prelado, a quem dirige esse manuscrito:

«Por este tempo V. Excia Revma entrava em Leiria e o nosso bom Deus confiava aos seus cuidados um pobre rebanho há largos anos sem Pastor.

Não faltou quem julgasse assustar-me com a chegada de V. Excia

Revma como já doutra vez tinham feito com um venerável sacerdote («santo» P. Cruz), dizendo que V. Excia Revma sabia tudo, que adivinhava e penetrava no íntimo das consciências e que agora iria descobrir todas as minhas intrujices. Longe de me assustar, ansiava por lhe falar e pensava: — Se é certo que sabe tudo, sabe que falo verdade!

Assim, logo que uma boa senhora de Leiria se ofereceu para me levar junto de V. Excia Revma, aceitei gostosa a proposta. Lá fui na expectativa do feliz momento. Chegou enfim esse dia, e, ao chegar ao Paço, mandaram-me entrar com essa Senhora em uma sala e esperar um pouco...

Por fim veio de novo o secretário de V. Excia dizer à Senhora que me acompanhava, que quando o senhor

Bispo chegasse, que se desculpasse dizendo que tinha de ir a um recado e que se retirasse porque — dizia Sua Rev. — pode ser que Sua Excia lhe queira alguma coisa em particular. Ao ouvir este recado, exulte de alegria e pensei: — O Senhor Bispo como sabe tudo, não me fará muitas perguntas e está só comigo. Mas que bom!

A boa Senhora soube muito bem fazer a parte, quando V. Excia Revma chegou e assim tive a felicidade de falar a sós com V. Excia.

O que em essa entrevista se passou não vou agora descrevê-lo, porque V. Excia Revma decerto o recorda melhor do que eu. Na verdade, quando vos vi, Exmo e Revmo Senhor, receber-me com tanta bondade, sem me fazer a mínima pergunta curiosa ou inútil, interessando-vos apenas pelo bem da minha alma e prontificando-

-vos a tomar conta da pobre ovelhinha que o Senhor acabava de vos confiar, fiquei mais do que nunca crente de que V. Excia Revma tudo sabia e não hesitei um momento em me abandonar nas vossas mãos.

As condições impostas por V. Excia Revma para o conseguir, para o meu natural eram fáceis: guardar perfeito segredo de tudo que V. Excia Revma me tinha dito (saída da Fátima para mais tarde entrar na vida religiosa) e ser boa. Lá me fui guardando para mim o meu segredo até ao dia em que V. Excia Revma mandou pedir o consentimento de minha mãe.

Nesta descrição da Lúcia encontramos as características e virtudes que sempre distinguiram o Senhor Dom José: espírito sobrenatural, bondade, simplicidade, prudência e também critério e seriedade em encarar o caso da Fátima.

P. FERNANDO LEITE

O Movimento Religioso do Santuário da Fátima em 1971

Três Cardeais, mais de 40 Bispos de 22 países, o Chefe do Estado e mais de um milhão de peregrinos estiveram na Fátima durante o ano de 1971

Ao fazer-se o balanço do movimento religioso da Fátima durante o ano findo, tem de registar-se, em primeiro lugar, a grandiosidade das cerimónias comemorativas do 25.º aniversário da coroação da imagem de Nossa Senhora, às quais se associou o Papa Paulo VI que dirigiu aos peregrinos reunidos na Cova da Iria uma mensagem na qual recordou os momentos inesquecíveis da sua peregrinação em 13 de Maio de 1967. Estas cerimónias foram presididas pelo Cardeal Alexandre Renard, Arcebispo de Lião e Primaz das Gálias, da França.

Preparadas com um tríduo, as bodas de prata da coroação tiveram ainda a presença do Sr. Almirante Américo Tomás, venerando Chefe do Estado, e de sua esposa.

Revestiram-se igualmente de grande brilho e tiveram a presença de muitas centenas de milhar de peregrinos as cerimónias efectuadas nos dias 13, de Junho a Outubro, a que presidiram diversos bispos.

Nas restantes peregrinações mensais efectuaram-se as cerimónias habituais. Fora dos dias 12 e 13, principalmente em todos os sábados e domingos da época do Verão, a Fátima foi cenário de numerosas peregrinações nacionais e estrangeiras.

Podemos realçar, como nota dominante no movimento religioso no ano findo, uma maior participação dos fiéis nos actos litúrgicos, maior penetração do significado desses actos e maior consciencialização do verdadeiro significado das peregrinações ao santuário da Mãe de Deus.

A paz na Igreja e no mundo, o Santo Padre, o Sínodo dos Bispos e a beatificação do servo de Deus Pio XII foram as intenções das orações colectivas das peregrinações.

PEREGRINAÇÕES, CURSOS, RETIROS E CONGRESSOS

A maior peregrinação foi a de Maio. Presidiu o Cardeal Renard, da França. Tomaram parte o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira que realizou, então, a sua última peregrinação como Patriarca de Lisboa, a quase totalidade dos bispos portugueses da metrópole e alguns estrangeiros.

Em união com a Fátima, sintetizando, por assim dizer, a universalidade da Mensagem, efectuaram-se cerimónias em 45 catedrais e igrejas de outros tantos países, onde foram coroadas imagens de Nossa Senhora da Fátima.

As comemorações do milénario do nascimento de Santo Estêvão, Rei e Patrono da Hungria, que reuniu mais de 600 húngaros procedentes de vários países da Europa e da América, foi acontecimento do maior relevo e projecção.

Acontecimento igualmente de grande realce foi o III Seminário Internacional sobre a Mensagem da Fátima, que se realizou de 16 a 22 de Agosto, no Exército Azul, e reuniu numerosos teólogos, muitos deles participantes do Congresso Mariológico e Mariano de Zagreb. Estiveram presentes, simbolizando o sentido ecuménico do acontecimento, D. Emiliano da Calábria, representante do Patriarca Atenágoras, e D. André Katkof, do rito bizantino, de Roma.

Pelo maior número de peregrinos e grandiosidade das cerimónias, tiveram realce as seguintes peregrinações:

- Movimento «Oásis» e «Fons Vitæ».
- Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo.
- Paróquias de Lisboa (Beato, Penha de França, Arroios, Santo Estêvão, Encarnação, Santa Engrácia, Graça e

Ajuda).

— Carvalhido (Porto), Alverca, Coimbra (S. José), Coruche, Almeirim, Sertã, Oia, Parede e muitas outras do norte e do centro do país.

— Salesianos e movimentos de apostolado ligados a esta Congregação.

— Arquiconfraria do Perpétuo Socorro.

— Missionários do Coração de Maria que comemoraram nesta altura o centenário da morte de Santo António Maria Claret.

— Nacional do Rosário.

— Nacional de doentes.

— Diocese da Guarda (a pão e água).

— Nacional das Ordens Terceiras de S. Francisco.

— Escolas do Magistério Primário, liceus e numerosos colégios.

— Católicos das colónias inglesa e italiana no nosso país.

— Associações de carácter missionário (LIAM, auxiliares das missões).

— Doentes das Forças Armadas (hospitais militares).

— Soldados das regiões militares de Évora, Porto, Escola de Mafra e da Armada, etc.

Efectuaram-se ainda vários seminários, congressos e reuniões de estudo. Tomámos nota das principais:

— III Seminário Internacional sobre o tema «Fátima e o Coração Imaculado de Maria».

— Ordem Terceira de S. Francisco.

— Cursos teológicos de S. Tomás de Aquino (Padres Dominicanos).

— Reunião da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos.

— XXII Semana Gregoriana.

— Reunião da União Apostólica do Clero.

— III Congresso dos Leigos para a Animação Cristã da Ordem Temporal.

— Reunião da Assembleia Plenária do Episcopado da Metrópole e das diversas comissões episcopais.

— Reunião dos superiores gerais dos Padres Capuchinhos.

— Reunião para estudos da pastoral dos ciganos.

— Mariápolis 71.

— Cursos nacionais de pastoral sacerdotal e de pastoral juvenil.

— Diversos cursos do Movimento para um Mundo Melhor.

Foi intensa a actividade das Casas dos Retiros, tanto nas do Santuário como nos Seminários e Congregações da Cova da Iria.

O Episcopado português e o clero das dioceses de Leiria, Portalegre e Castelo Branco e Évora fizeram aqui o seu retiro.

Efectuaram-se 45 retiros para os movimentos da Acção Católica (operários, rurais, diplomados, estudantes, noivos e casais), organismos missionários, Servitas, comunidades do rosário e outros, com a participação de milhares de pessoas de todas as camadas sociais de vários pontos do País.

PEREGRINAÇÕES ESTRANGEIRAS

Além do Cardeal Renard, da França, esteve no Santuário o Cardeal Paupini, da Cúria Romana. Passaram pela Fátima 21 bispos de 14 países: França, Espanha, Itália, Equador, Alemanha, Paraguai, Austrália, Jamaica, Jugoslávia, Tanzânia, Índia, Noruega, Iraque e Uganda.

Das peregrinações estrangeiras tiveram especial significado as de grupos de doentes que a Unitalsi (União de Transportes de Doentes a Lurdes e outros Santuários da Itália), trouxe durante quase todo o mês de Abril, em avião, no sistema de cadeia. Vieram doentes de quase todas as províncias da Itália, e esta Associação deseja prosseguir com estas peregrinações. Num recente congresso efectuado em Lurdes, os dirigentes da Unitalsi manifestaram ao delegado português o seu grande desejo de que se construa com a maior urgência o campo de

VIDA DO SANTUÁRIO Movimento Religioso do Santuário

(CONTINUAÇÃO)

DEZEMBRO

SÉTIMO ANIVERSÁRIO DA OBRA DAS GAIATAS

Há sete anos que uma senhora dotada de excelentes dotes de caridade fundou junto do Santuário uma obra admirável de educação de crianças que intitulou «Obra das Gaiatas». Esta obra foi instalada na «Casa de S. Miguel», alugada pela Sra. D. Maria de Oliveira, a benemérita directora, que tem presentemente ao seu cuidado 52 crianças e jovens, recolhidas nas mais dramáticas circunstâncias e encaminhadas para uma vida digna, por meio da frequência de estabelecimentos de ensino, prática das virtudes cristãs e por meio da promoção humana e social.

Conhecedoras da Obra das Gaiatas, diversas individualidades quiseram estar presentes na festa do sétimo aniversário da sua fundação.

O Rev. Cónego Carlos de Azevedo, Vigário-Geral da Diocese de Leiria, representou o Sr. Bispo da diocese e celebrou a missa a que assistiram, além da directora, pessoas da sua família, benfeitores e todas as protegidas. Em seguida, houve um almoço de confraternização em que tomaram parte o representante do Sr. Bispo, o Presidente da Câmara de V. N. de Ourém, o Dr. Caetano de Carvalho, director-geral da Cultura Popular, o Sr. Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, Dr. Francisco de Avilez, jornalista Gentil Marques, presidente do Grémio da Imprensa Não-Diária, diversos sacerdotes, benfeitores, familiares da directora da Obra das Gaiatas, etc.

Durante a refeição, preparada e servida na casa, as pequenitas deliciaram os convidados com uma récita de canções, comédias, etc., acompanhadas a acordeão.

Tanto as entidades oficiais como os outros convidados manifestaram o seu apreço e prometeram ajudar esta obra de amor, carinho e de tão grande alcance social.

PEREGRINAÇÃO MENSAL DE DEZEMBRO

Com a presença de numerosos devotos efectuaram-se as habituais cerimónias em honra de Nossa Senhora, presididas pelo Sr. D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria.

Pelas dez horas, todos os peregrinos, entre os quais se contavam alguns emigrantes com suas famílias, juntaram-se em volta da capela das aparições onde foi rezado o terço. Em seguida, houve a procissão com a imagem de Nossa Senhora.

A missa da peregrinação foi celebrada num altar colocado no alpendre da capela das aparições. Os doentes assistiram em duas filas em frente do altar e os peregrinos à sua volta. Foi celebrante o P.º José Lopes Pequeto, das Missões da Consolata, que esteve durante dez anos como missionário em Moçambique e presentemente se encontra como professor do Seminário do seu Instituto em Vila Nova de Poiares. Assistiram o Sr. Bispo de Leiria e o seu Auxiliar, D. Domingos de Pinho Brandão, e vários sacerdotes.

Na altura do evangelho, o celebrante falou aos fiéis sobre a quadra litúrgica — o Advento — e a devoção a Nossa Senhora.

No fim da missa, o Sr. Bispo recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes e aos peregrinos.

Por último, o Sr. D. João Pereira Venâncio dirigiu-se aos peregrinos para rezar com eles pela paz do mundo, pelo bom resultado das conferências de alto nível que nesse momento decorriam em território português nos Açores, e pelo Santo Padre.

O MOVIMENTO POR UM MUNDO MELHOR

Organizado pelo Movimento por um Mundo Melhor, realizou-se no Santuário, durante quatro dias, um curso sobre actividade missionária da Igreja, em que participaram 65 pessoas (sacerdotes, reli-

giosas e leigos) de diversos pontos do País.

O curso foi orientado pelo P.º João Pedro Cubero, director do Movimento no nosso País, auxiliado pelos Padres Carlos Naldi, Manuel Costa Afonso e Irmã Pureza Gomes Pinheiro, das Franciscanas Missionárias da Imaculada Conceição.

Nos quatro dias do curso, através das exposições, reflexões, mesas redondas, convivências e liturgias, foram tratados os diversos aspectos da problemática, teologia da missão, tipologia do missionário, critérios de participação e metodologia do problema missionário.

REUNIÃO DOS PROFESSORES DE RELIGIÃO E MORAL DAS ESCOLAS DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Durante dois dias, estiveram reunidos na Casa de Retiros do Santuário os professores de Religião e Moral das Escolas do Magistério Primário de todo o país.

Os trabalhos foram orientados pelo P.º João José Saraiva Diogo, Director Nacional da Catequese. Foram tratados assuntos relacionados com o ensino da Religião e Moral nas escolas e actualização dos métodos psico-pedagógicos.

Foram elaborados relatórios a enviar ao Ministro da Educação Nacional e à Conferência Episcopal.

JANEIRO

O NÚNCIO APOSTÓLICO DE MADRID VISITOU O SANTUÁRIO

Esteve, no dia 3, no Santuário onde celebrou missa na capela das aparições, Mons. Luís Dardaglio, Núncio Apostólico na Espanha.

O representante da Santa Sé na nação vizinha deixou escritas no Livro de Honra do Santuário as seguintes palavras: «Aos pés da Virgem da Fátima deixo a minha fervorosa oração e o meu mais profundo desejo para que a Igreja do nosso tempo que padece de uma histórica e lógica transformação, pela intercessão da Mãe de Deus e nossa Mãe, seja fiel às sãs e evangélicas tradições do passado, ao mesmo tempo que se rejuvenesça e se adapte aos homens, nossos irmãos, desta idade nova que se vislumbra na nossa nascente nova civilização».

Mons. Luís Dardaglio, que era acompanhado da Senhora Marquesa do Cadaval, recebeu os cumprimentos dos representantes do Santuário bem como de algumas religiosas espanholas que se encontravam nessa altura na Capela das Aparições.

SIS



FÁTIMA, 29 DE DEZEMBRO DE 1971 — Festa do 7.º aniversário da Obra das Gaiatas que reuniu muita gente admiradora da Obra para, com os seus aplausos e o seu calor humano e cristão, levar às assistidas a certeza do Amor de Deus pelos homens, sobretudo os mais pequeninos e necessitados.

aviação da Fátima, o mais perto possível do Santuário, de modo a permitir que o transporte de doentes possa ser feito no mínimo espaço de tempo e com o menor incómodo para os doentes.

Além destas peregrinações vieram outras de outros países: América do Norte, Alemanha, Áustria, Suíça, Irlanda, Espanha, Inglaterra, Canadá, França, Bélgica, Austrália, Grécia, Filipinas, Jugoslávia, Líbano, Polónia, Tanzânia, Togo, Ilhas Trindade e Vietname.

No Santuário foram celebradas 15.840 missas por sacerdotes portugueses e outros de 50 países de todas as partes do mundo. Foram distribuídas 539.500 comunhões. Os serviços do culto, a cargo das Servas de Nossa Senhora da Fátima, confeccionaram 51.190 hóstias para a celebração de missas e 1.543.500 partículas para a comunhão.

Realizaram-se 979 casamentos e 140 baptizados.

NOTA FINAL

Foram os membros da Pia União dos Servitas (homens e senhoras) que se ocuparam da ordem e do desenrolar das cerimónias, da assistência médica e de enfermagem aos peregrinos doentes.

Em todas as peregrinações compare-

ceram estes dedicados servidores, contribuindo com o seu trabalho e deslocações, graciosamente, para o bem-estar dos peregrinos doentes e para a segurança e brilho das cerimónias. São, pois, merecedores duma palavra de gratidão neste pequeno relatório.

Desejamos ainda fazer um apelo a todos os que interferem na vida à Fátima de tantos milhares de peregrinos (organizadores de peregrinações ou simples excursões, e em especial aos guias-intérpretes, no que diz respeito à condução de grupos de estrangeiros). Aos nacionais pede-se que a vinda à Fátima se não revista apenas dum simples passeio turístico. A participação nos actos litúrgicos, a visita aos lugares santificados, o interesse pelo conteúdo da Mensagem da Mãe de Deus, devem ser preocupação de quantos se deslocam aqui. Aos guias-intérpretes recomenda-se que adquiram o perfeito conhecimento da Fátima, dos locais a visitar, dos horários das cerimónias, locais para cumprimento de promessas, etc., a fim de poderem elucidar os peregrinos estrangeiros. Assim a Fátima continuará a ser o ALTAR DO MUNDO.

Secretariado de Informações do Santuário (S. I. S.)

MENSAGEM DE D. ANTÓNIO RIBEIRO, PATRIARCA DE LISBOA

Realizou-se no passado dia 21 de Dezembro, a entrada solene de D. António Ribeiro na Sé Patriarcal de Lisboa. Do discurso que então proferiu, destacamos as seguintes passagens:

«A Igreja não existe para servir interesses meramente humanos, por mais nobres que eles sejam, não pode enfeudar-se a ideologias terrenas, por mais universalistas e transcendentes que elas se apresentem, não deve escravizar-se a nenhum poder, senão ao poder de Cristo e da Sua mensagem salvadora. Na fidelidade ao serviço de Cristo, a Igreja encontrará sempre o princípio e a garantia da sua radical liberdade».

«É certo: nem a todos agrada ouvir proclamar a índole religiosa da Igreja. Mesmo entre os seus filhos, alguns há que, impelidos pelo desejo legítimo de a tornarem mais presente ao Mundo, não receariam secularizá-la, a ponto de lhe desfigurarem o rosto e desvirtuarem a finalidade.

Esquecem esses que o objectivo primeiro e a mais íntima razão de ser da Igreja é anunciar a mensagem da verdade evangélica e comunicar a graça sobrenatural.

«Presente no Mundo e inserida na História, a Igreja partilha a condição de humanidade, experimenta no seu coração as alegrias e as tristezas dos homens, e caminha com eles pelas veredas da Terra ao encontro da Glória do Céu. Deseja estar ao lado de todos — dos ricos e dos pobres, dos sábios e dos ignorantes, dos crentes e dos que não têm fé, dos amigos e dos inimigos, dos que a louvam e dos que a condenam — para a todos servir.

«Para ser fiel a Cristo e aos homens, a Igreja não pode consentir que se comprometa o equilíbrio misterioso dos seus elementos constitutivos. Quando nela se reduz o humano, cai-se no espiritualismo monofisita, no quietismo abúlico, no triunfalismo disfarçado, no maniqueísmo em pastoral, em piedade e de estilo de vida. Quando, pelo contrário, se atenua o divino, caminha-se para o naturalismo pelagiano, para o activismo estéril, para o psicologismo e o sociologismo unilateral, que destroem a verdadeira religiosidade. Como afirma um teólogo contempo-

● Continua na página 3

Mensagem do Patriarca de Lisboa

(Continuação da 2.ª página)

râneo, «uma pastoral cristã só pode existir numa Igreja divino-humana».

«Se na Igreja há lugar para alguma predilecção, esta será a predilecção pelos pobres, pelos doentes e por todos os que sofrem. A estes eu gostaria de repetir aqui a mensagem que o Concílio lhes dirigiu: «Vós todos, que sentis mais duramente o peso da cruz, vós que sois pobres e abandonados, vós que chorais, vós que sois perseguidos por amor da justiça, vós de quem não se fala, vós os desconhecidos da dor, tende coragem: vós sois os preferidos do «reino de Deus»».

A Igreja vê, com agrado, desenvolver-se entre os homens a consciência da autonomia do profano. Nos últimos tempos, as instituições seculares de vária ordem tendem a proclamar a sua emancipação em referência a velhos esquemas de cristandade, hoje superados. Algumas dessas instituições nasceram e cresceram no seio da Igreja, que, em épocas passadas, usou amplamente a sua função de suplência, em benefício da humanidade. Actualmente, porém, é a própria Igreja, que, pela voz do Concílio, confessa não ser movida por nenhuma ambição terrena e reclama apenas a liberdade necessária ao exercício da sua missão: «Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objectivo: continuar, sob a direcção do espírito consolador, a obra de Cristo, que veio ao Mundo para dar testemunho da verdade, não para ajudar mas para salvar, não para ser servido mas para servir».

«Há, com efeito, uma sã laicização que importa promover. Saudemos, com alegria, o fim do temporalismo e do integralismo eclesial. Uma Igreja, como a do nosso tempo, que se reconhece em categorias sacramentais e messiánicas, como as de comunidade de fé, de esperança e de amor, coloca-se automaticamente além de qualquer modalidade de influência, por via do poder político, económico ou cultural.

E, contudo, existe uma autonomia do profano que a Igreja do Reino de Deus não pode aceitar. Quando a laicização se transforma em laicismo, quando se nega ou esquece a relação íntima e última que os seres criados têm com Deus, então a Igreja ergue a sua voz para dizer: «Se, porém, com as palavras «autonomia das realidades temporais» se entende que as criaturas não dependem de Deus e que o homem pode usar delas sem as ordenar ao Criador, ninguém que acredite em Deus deixa de ver a falsidade de tais assertos. Pois, sem o criador, a criatura não subsiste. De resto, todos os crentes de qualquer religião sempre souberam ouvir a sua voz e manifestação na linguagem das criaturas. Antes, se se esquece Deus, a própria criatura se obscurece.

Eis a razão por que os cristãos são convidados, pelo imperativo da fé, a animarem cristãmente todas as

realidades temporais, no trabalho quotidiano da construção do Mundo.

Nada do que existe — nem a Ciência, nem a Técnica, nem a Economia, nem a Política, nem a Cultura — deve ser hostil ou indiferente ao Reino de Deus. Um mundo sem abertura ao infinito não passaria de uma masmorra, embora dourada, e um humanismo sem Deus seria a negação do homem».

Ao falar da «Igreja e da Comunidade Civil», D. António Ribeiro afirmou que se impõe «uma cooperação mútua entre a Igreja e o Estado, situada nos justos limites das respectivas esferas de competência e no respeito recíproco da legítima liberdade».

A mútua cooperação preconizada rejeita qualquer enfeudamento ou interferência indevida; se os Estados modernos desejam legitimamente

O Homem autor da Cultura

À medida que o Homem se vai tornando culturalmente independente, o que é o mesmo que dizer, vai alcançando maior liberdade moral e intelectual, maior vai sendo a sua responsabilidade na comunidade em que vive.

O Homem deve procurar transmitir aos seus semelhantes os seus conhecimentos por forma a construir um mundo melhor, mais humano.

Sob este aspecto, devemos dar o nosso contributo pela luta contra o analfabetismo.

DIFICULDADES E TAREFAS

No nosso caso concreto, devemos procurar aumentar o nível cultural dos nossos irmãos africanos, caminhando para junto deles, para assim os trazer para junto de nós, sem de forma alguma destruir os aspectos bons da sua cultura tradicional.

Desta forma teremos alcançado não só que eles venham a participar da nossa cultura, mas também teremos conseguido levar para os seus lares a doutrina de Cristo, arreigada na nossa cultura.

A FÉ E A CULTURA

O Homem tende a evoluir, caminhando na construção de um mundo melhor, de um mundo mais humano.

Poderá ele cumprir esta missão de diferentes maneiras.

Assim, o agricultor, o engenheiro, o médico, o arquitecto, o cientista, todos eles procuram cumprir a sua missão.

Também os astronautas, quando pretendem conhecer a Lua, estão a cumprir a sua missão no mundo.

Todos eles dão o seu contributo para o progresso das ciências e da técnica.

No entanto, não poderão esquecer que sobre eles recai a grata tarefa de transmitir ao seu seme-

afirmar a sua autonomia, também a Igreja quer manter a liberdade essencial que a sua natureza e missão exigem. Ainda neste ponto é categórica a voz do Concílio: «A liberdade da Igreja é um princípio fundamental nas suas relações com os poderes públicos e toda a ordem civil. Na sociedade humana e perante qualquer poder público, a Igreja reivindica para si a liberdade, pois ela é uma autoridade espiritual, fundada por Cristo Senhor, a quem incumbe, por mandato divino, o dever de ir por todo o Mundo pregar o Evangelho a todas as criaturas».

«A Igreja Peregrina» foi o tema tratado a seguir e que mereceu de D. António Ribeiro as seguintes considerações:

«A seiva secular da fé e o sopro renovador do espírito que hoje actua nos corações dos homens, habilitam a Igreja de Lisboa a continuar a sua já longa peregrinação pelos caminhos do Mundo confiado

à sua responsabilidade imediata. Mas é necessário que ela prossiga o seu peregrinar. É necessário que ela penetre no Mundo do trabalho, para lá revelar aos homens o valor sagrado das suas actividades e pregar todos os direitos e a justiça, a responsabilidade e a liberdade, o amor e a paz. É necessário que ela se aproxime do mundo dos jovens, para os ajudar a concretizar o seu papel na sociedade de hoje e de amanhã. É necessário que ela atinja as consciências e as mentalidades de todos, para as formar e esclarecer à luz da palavra de Deus.

É oportuno recordarmos a urgência deste dever apostólico na solenidade de Cristo Rei, dia entre nós tradicionalmente consagrado à Acção Católica. A esta Organização apostólica, como a todas as obras e movimentos de apostolado, deseja o Patriarca de Lisboa renovar a sua confiança e reafirmar a sua esperança».

lhante os seus conhecimentos, os benefícios da sua cultura.

E será assim que teremos contribuído para tornar melhores as condições de vida dos nossos semelhantes, principalmente dos menos favorecidos.

Desta forma, ao mesmo tempo que vamos caminhando para um mundo melhor, teremos praticado aquela caridade cristã de que nos fala o Evangelho.

AS RELAÇÕES MÚLTIPLAS ENTRE O EVANGELHO DE CRISTO E A CULTURA HUMANA

Quando procuramos levar o Evangelho de Cristo aos diferentes povos, é necessário utilizar métodos que estejam de acordo com a cultura desses povos.

Tais métodos terão de variar necessariamente com o decorrer dos tempos e com o grau cultural do povo que é evangelizado.

No entanto, o que de fundamental existe na religião de Cristo, a sua mensagem, terá de permanecer imutável em qualquer povo para onde ela é levada.

As suas roupagens exteriores terão,

porém, de acompanhar os tempos e terão de se harmonizar com os costumes de cada povo.

Assim, mais fácil nos será levar-lhes a mensagem de Cristo, combatendo os erros da cultura desses povos, purificando os seus costumes, educando-os para uma vida melhor.

RELAÇÕES HARMÓNICAS NAS VÁRIAS FORMAS DE CULTURA

Porque a cultura deve estar em permanente evolução, pois que só assim poderá contribuir para o progresso da humanidade, não podemos esquecer que é nosso dever afastar quaisquer obstáculos ao desenvolvimento cultural de um povo.

Acima de tudo, devemos evitar impor a qualquer povo um determinado padrão de cultura.

Antes, procuremos estar junto dele, contactar com ele para assim, livremente e sem qualquer coacção, transmitir-lhes os nossos conhecimentos, a nossa forma de cultura, a nossa civilização.

(Filiada da L. C., em «O Domingo», da Beira, Moçambique)

PREÇO DA «VOZ DA FÁTIMA»

A «Voz da Fátima» é órgão da Pia União dos Cruzados da Fátima. Por isso, todas as pessoas que se alistaram nos Cruzados da Fátima recebem o jornal que lhes é entregue por intermédio dos respectivos Chefes de Trezena a quem devem pagar as suas cotas, pontualmente, pois são estes que fazem, depois, as contas com o Rev.º Secretário Diocesano da sua Diocese.

Há, porém, muitas outras pessoas que recebem o jornal directamente pelo correio e nos perguntam quanto devem pagar por ano. Respondemos a todas que o jornal não tem preço de assinatura marcado. No entanto, estes assinantes individuais devem mandar, por ano, o mínimo de 10\$00 (em selos ou da maneira que lhes ficar melhor), se estão no Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha ou Brasil. Para os outros países, é o mínimo de 20\$00.

Os «Cruzados» remidos recebem o jornal gratuitamente até ao fim da vida.

O «CAMINHO» traduzido em Russo

Acaba de aparecer a primeira edição russa do *Caminho*, a conhecida obra do fundador do Opus Dei, Mons. Escrivá de Balaguer. É notável o fenómeno desse livro. O seu primeiro esboço data de 1934; aparece em Fevereiro, em Cuenca, uma pequena cidade espanhola da província; 102 páginas e várias centenas de textos curtos, divididos em 25 capítulos. No prefácio dessas *Considerações Espirituais* (na altura), o autor fala de «notas escritas sem pretensões literárias nem de publicidade». Pretende simplesmente responder a algumas necessidades de formação espiritual das pessoas que procuravam um sacerdote — Mons. Escrivá de Balaguer — para orientar a sua vida de cristãos.

Nem *Considerações Espirituais* nem *Caminho* (a sua ampliação aparecida em 1939) pretendem ser um código para os sócios do Opus Dei. Estão dirigidos a todos os cristãos, e mesmo a todos os que, sem serem crentes, têm em conta as coisas do espírito. O acolhimento que o livro teve parece confirmar esse facto: as poucas centenas de exemplares das *Considerações* e os 2.000 da primeira edição do *Caminho* são hoje mais de dois milhões e meio, num total de 98 edições (incluindo três em Braille, para cegos, em castelhano e em inglês). *Caminho* pode ler-se hoje em 23 idiomas: nos mais falados (inglês, castelhano, francês, português, russo, árabe, japonês, alemão, italiano, e prepara-se uma edição em chinês) e nos idiomas de minorias (croata, arménio, catalão, tagalog, grego, vasco, maltês, galego, gaélico, e prepara-se a edição em swahili e outra em hebreu). Há, além disso, uma edição em esperanto.

O *Caminho* revela a fé firme do autor na única Igreja de Cristo, santa, católica, apostólica. Mas quem escreve que «mais do que em dar, a caridade está em compreender» sabe também que os desejos apostólicos do cristianismo não devem traduzir-se em atitudes de domínio ou de intolerância, mas antes em «rectidão de coração e boa vontade: com estes dois elementos e o olhar posto em cumprir o que Deus quer, verás feitos realidade os teus sonhos de Amor e saciada a tua fome de almas».

Assim se explica, penso, que o *Caminho* seja também livro de leitura de protestantes, de hebreus, de muçulmanos. Todos os que têm fé concordarão com Mons. Escrivá de Balaguer quando diz: «As pessoas, geralmente, têm uma visão plana, pegada à terra, de duas dimensões. — Quando a tua vida for sobrenatural, obterás de Deus a terceira dimensão: a altura. E, com ela, o relevo, o peso e o volume». Face à dispersão duma consciência cujo interior, como se disse, é o que vem de fora (os estímulos convenientemente preparados por uns poucos), a exortação «Recolhe-te. Procura Deus em ti mesmo e escuta-o» é uma chamada à riqueza interior, à liberdade das consciências. Um antídoto contra a massificação.

Os textos do *Caminho*, como sucede com todos os escritos meditados, recolhem a experiência pessoal do Autor; mas essa experiência, ao adquirir profundidade, universaliza-se. A todos pode servir este conselho: «Não sabes orar? Põe-te na presença de Deus, e quando começares a dizer: Senhor, não sei fazer oração, podes ter a certeza de que começaste a fazê-la». Ou estes outros, aplicáveis tanto à vida espiritual como a qualquer tarefa humana que valha a pena empreender: «Um olhar ao passado. E lamentares-te? Não, que é estéril. Aprenderes, que é fecundo». «Agora! Volta à tua vida nobre, agora. Não te deixes enganar: agora não é demasiado cedo... nem demasiado tarde».

Há um ano, apareceu a versão grega do *Caminho*; há uns meses, a armenia. Agora, a russa. *Caminho* é um desses livros constantes; não se ergue como um meteoro para logo desaparecer. De 1934

a 1971, trinta e sete anos de tranquila permanência em milhões de leitores. *Caminho* atravessou, no seu próprio passo, os terrenos de muitas modas culturais, sem se render a elas: «Contemporizar? É palavra que só se encontra (há que contemporizar!) no léxico dos que não têm vontade de lutar — comodistas, manhosos ou cobardes — porque de antemão se sabem vencidos».

A luta do *Caminho* — esse é o seu segredo, em voz alta — é a de cada um consigo mesmo: a conversão interior a ideais que mereçam realmente a pena, e que sempre são ideais de serviço aos outros homens: «De que tu e eu nos portemos como Deus quer — não o esqueças — dependem muitas coisas grandes».

Grande tarefa humana é o esforço por encontrar fórmulas que tornem viáveis os afãs de solidariedade. Mas, acaso pode o homem esquecer que trabalha em vão, se não conta com a amizade de Deus para edificar sobre rocha firme? O Autor do *Caminho* ensina, com a sua fé profunda, a dilatar o coração e a estender os seus horizontes «para que caibam todos e tudo no desejo de colocar o universo aos pés de Jesus».

Que ninguém pretenda encontrar aqui estímulo para soluções teocráticas, mas pelo contrário, confiança nos meios e nas possibilidades da liberdade dos filhos de Deus. Com efeito, nas obras de Mons. Escrivá de Balaguer não se nota nunca a pretensão de oferecer fórmulas sociais pré-fabricadas; a sua insistência contínua dirige-se à fonte de todas as possibilidades, ao coração do homem. Noutro dos seus livros escreveu: «Na linha do horizonte parecem unir-se o céu e a terra. Mas onde de verdade se unem é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida ordinária». (*Temas Actuais do Cristianismo*, pág. 164).

Palavras definitivas e ao mesmo tempo perpétuamente abertas.

JORGE DE CASTRO

Grande Concurso Mariano Internacional

A Sede Internacional do Exército Azul — Domus Pacis, Fátima — decidiu lançar um grande Concurso Mariano Internacional, em seguida ao III Seminário Internacional realizado na Fátima em Agosto do ano passado, com o fim de aprofundar e desenvolver a devoção a Nossa Senhora e o diálogo entre os fiéis de todos os países e de todas as religiões e até com descrentes e ateus.

A Direcção Nacional Portuguesa do Exército Azul lança este concurso para todo o território português, Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas, e para todos os portugueses que vivem no estrangeiro.

vidade e sobretudo a fidelidade ao espírito evangélico e a renovação conciliar da Igreja e do Mundo.

9 — Os três trabalhos premiados no concurso nacional serão enviados ao júri internacional de Bruxelas para concorrerem ao prémio internacional de 200 dólares.

10 — Os prémios serão entregues por ocasião do próximo Seminário Internacional, na Fátima, ou noutra ocasião que se indicar, antes do fim deste ano de 1972.

11 — Fica entendido que, com a atribuição dos prémios, os organizadores adquirem e pagam os direitos de autor.

CONDIÇÕES

1 — Este ano, o concurso é reservado aos doentes e aos jovens de um e outro sexo, alunos das escolas primárias e secundárias.

2 — Podem colaborar na elaboração das respostas os pais, os sacerdotes, os catequistas, os teólogos, os professores.

3 — As respostas podem ser individuais ou em nome duma colectividade (uma classe, uma paróquia, etc.).

4 — Pode responder-se a todas as perguntas ou só a algumas.

5 — As respostas devem ser enviadas à Direcção Nacional do Exército Azul — Santuário da Fátima — Portugal, até ao dia 1.º de Maio deste ano.

6 — Na remessa deverá indicar-se, com clareza, o nome completo e o endereço postal do concorrente ou da entidade colectiva e de cada um dos participantes.

7 — Aos autores das três melhores respostas serão atribuídos os prémios de 2.500\$00, 2.000\$00 e 1.500\$00.

8 — Na selecção os júris terão em consideração todos os elementos de creati-

OBJECTO DO CONCURSO

1 — Diga quais são as mais fortes razões pelas quais devemos amar e imitar a Maria S.S.^{ma}, Mãe de Deus e Mãe da Igreja.

2 — Componha uma oração com o mínimo de 10 linhas no formato de papel de máquina em que diga a Jesus e a Maria S.S.^{ma}: que cre em vez dos que não creem, adora em vez dos que não adoram, espera em vez dos que não esperam e ama em vez dos que não amam.

3 — Explique aos seus amigos que sentido tem para si a frase «Eu estou consagrado a Maria».

4 — Redija uma oração em espírito de reparação inspirada num dos 15 mistérios do Rosário à sua escolha.

5 — Explique o que faz na prática para promover a paz na sua família, entre os seus vizinhos e no seu meio de vida (escola, hospital, etc.).

Para qualquer esclarecimento escrever ao P.^o José Galamba de Oliveira, Paço Episcopal — LEIRIA.

Educação para a Paz

«Se queres a paz, trabalha pela justiça». Foi este o tema do Dia da Paz de 1972. Esta formulação evoca e, ao mesmo tempo, contradiz o ditado romano: «Se queres a paz, prepara a guerra».

Estas duas frases traduzem concepções diferentes e quase opostas de paz. A última imagina a paz como o resultado dum equilíbrio de forças que se defrontam, equilíbrio que é preciso assegurar evitando que entre os inimigos haja quem se distancie demasiado na corrida às armas e aos meios violentos.

A primeira, pelo contrário, vê a paz como fruto do esforço permanente por estabelecer a justiça, com tudo o que ela significa de verdade, de direito, de harmonia e de progresso. Não se trata de evitar que os contendores cheguem a vias de facto, mas, sim, de conseguir que se tornem amigos, sem razões de queixa mútua, e, lado a lado, empenhados na colaboração fecunda para o bem comum.

Não é fácil passar duma mentalidade para a outra. Mas é preciso a todo o custo conseguir esta conversão dos espíritos. Exige-se assim um trabalho de educação das mentes, das sensibilidades e dos costumes, que origine o clima propício à paz e suas exigências. Se as populações não tiverem ideias justas sobre o que é a paz e sobre o que ela implica, e se a não desejarem profundamente, não haverá paz segura e duradoira.

A educação para a paz deve fazer-se em todos os níveis, a começar pelo mais simples das relações entre pessoas da mesma família, da mesma comunidade de trabalho, da mesma vizinhança. Quem estiver de relações tensas ou cortadas, procure fazer as pazes; quem tiver o costume de dizer mal de tudo e de todos, torne-se prudente e caridoso; quem faltar à justiça na profissão e negócios, passe a respeitar o direito dos outros e os contratos; quem foge a colaborar em realizações colec-

tivas para o bem comum, vença o egoísmo, a preguiça ou a timidez, e dê o contributo do seu saber e trabalho; quem, por comodismo ou fraqueza, se cala diante dos atentados contra a verdade, a justiça e a dignidade, lembre-se de que o seu silêncio e a sua inércia são formas de contribuir para os males do mundo, e tome atitudes dignas e corajosas.

Quem, neste domínio das relações interpessoais trabalha pela justiça e pela paz facilmente se sensibiliza aos problemas e responsabilidades da justiça e da paz em âmbito mais vasto, como os referentes à vida dos povos e da humanidade inteira, e não ficará parado perante realidades como a fome e a miséria, a ignorância e o subdesenvolvimento, o racismo e as discriminações ideológicas, políticas e sociais, as opressões e a guerra, etc.

A paz é um bem que se tem de conquistar com esforço permanente. Felizes daqueles que se empenham neste esforço, animados de insaciável fome e sede de justiça, de verdade e de amor.